

L E T D F R A S

Câmara Legislativa do Distrito Federal
Ano II - Nº 23 e 24

Suplemento Cultural
1996

Teatro exige Dulcina Viva

■ **Paracatu e os
caminhos para
os Goyazes**



Assim, de passagem...

□ Nelson Pantoja

A surpresa é logo ao sair da BR-040: Paracatu não é uma cidade de beira de estrada! Em suas ruas, a do Ávila; esquinhas, as das Flores, e prédios coloniais, o da igreja Matriz, a história da região, do Brasil Central, é latente, apesar de (algumas) edificações dispensáveis, que em nome de novos tempos ameaçam o sortilégio dos tempos eternos.

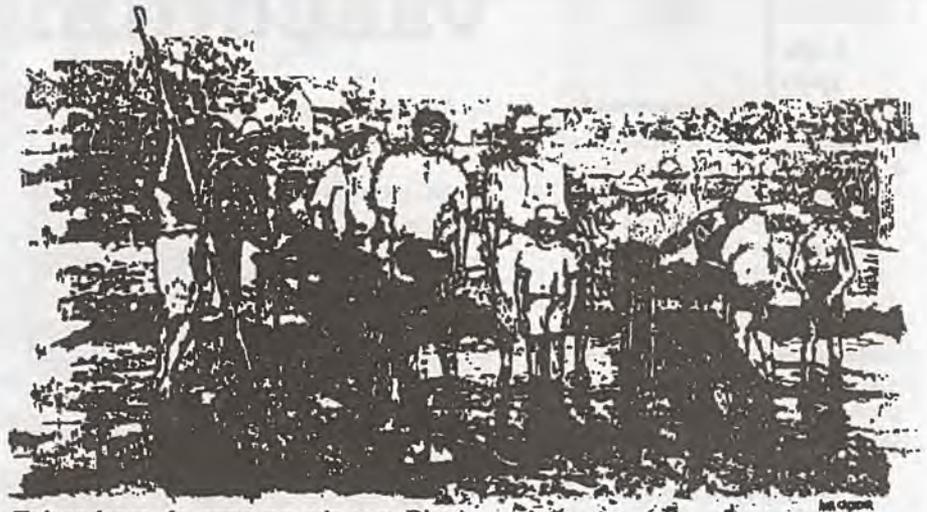
A cidade - outra surpresa - é limpa. Das ruas ao interior das residências, das praças aos becos. Estes, na verdade, nem tanto... Beco é beco em qualquer lugar do mundo! Sempre com aquele ar soturno de quem não tem saída.

Uma curiosidade: os pisos das residências. Foi um prazer, por exemplo, entrar na casa de D. Maria de Oliveira. O piso, de tão limpo, é um convite à consciência: o ideal seria tirar os sapatos. Com seu estilo sereno, mas matriarcal, a dona da casa, contudo, não admite tanta intimidade. Embora solícita, convidativa, ela é solene. Afinal, é mineira. E, lá pelas Minas Gerais, ninguém ousa pisar nas tradições.

Na casa simples de D. Maria há um pé de manacá. Florido! Tem também um casal de papagaios floridos em suas tagarelices. É um quintal... Um quintal que lembra, a gente nem sabe bem por que, outros tempos.

O manacá, os louros debochados, o piso limpinho, o quintal, o fogão de lenha, a casa - do jeitinho simples que o marido deixou - os filhos, os netos, os bisnetos: o mundo de D. Maria. Por aquele mundo do qual é testemunha ocular, célula-mater, Paracatu passa. E o mundo, como até os papagaios sabem em sua inconsciência verbal, não é tão florido como o pé de manacá.

Que o diga Jerônimo, um dos filhos de D. Maria. Com nome de herói do sertão, Jerônimo lembra - surpresa maior - que Paracatu já foi um porto fluvial. Os vapores, recorda, vinham de Pirapora pelas mareas do "Velho Chico" até o porto de Buriti. O rio era a estrada de Paracatu... Os vapores, de tanto trazerem o progresso, foram com o progresso para não mais voltar. Hoje, o porto está desativado. O cais abandonado. Os vapores foram substituídos por caminhões e Paracatu - surpresa histórica - é uma cidade também de beira de estrada. O mundo, Jerônimo, diz D. Maria em seu silêncio obsequioso, é uma contradição.



Faiscadores do ouro no córrego Rico

D. Maria, sempre lúcida, fará, agora, neste 7 de setembro, Dia da Independência do Brasil, 90 anos, segundo seus filhos; 89, segundo ela em sua vaidade prolecta. De parente a parente, D. Maria, como se estivesse compilando a história de Paracatu através de suas próprias gerações, diz, sibilina, em tom confessional, como boa mineira que é, que Paracatu "é pra sempre. Eles garantem o futuro". Eles, o futuro, são os netos e os bisnetos, 78 ao todo. Dudu, impassível em sua inteligência; Lilian, uma das mais belas. De supetão, D. Maria pergunta se os visitantes já foram à Casa da Cultura.

Ao lado de Maria Cândida e Darlene, filhas do local, netas de D. Maria, a Casa da Cultura. Logo, à primeira vista, constata-se o extremo cuidado com os móveis, com os documentos, com as plantas das varandas. É um ambiente que nutre em si uma agradável sensação de bem-estar. Tudo bucolicamente histórico. Do carro de boi às carteiras escolares onde Maria Cândida ensaiou suas primeiras letras, no mesmo local onde estudou Afonso Arinos, da terra como ela, orgulho de Paracatu. É lá que se fica sabendo que, em 13 de fevereiro de 1927, à frente Siqueira Campos, a Coluna Prestes tentou tomar a cidade. Paracatu do Príncipe, honrando suas tradições monárquicas, rechaçou os revolucionários.

Pelas praças - em Paracatu as pessoas se encontram na praça, vivem a praça, dão vida à praça - a sutileza histórica das igrejas coloniais. A dos bran-

cos e a dos negros. Todas centenárias. Um pouco adiante o Arquivo Público e, escondidinho, com um jeito desconfiado de existir, o "Bar D. Beija". D. Beija passou por Paracatu? Tem gente que duvida. A boêmia não: D. Beija passou por ali como continua a passar, com sua silhueta esvoaçante de personagem mágica. É um motivo a mais para uma cerveja a mais.

Entre tantos esmeros, obra do prefeito Manuel Borges, que, segundo se constata, tem uma preocupação especial com a preservação histórica da cidade, além de um programa educacional que está servindo de exemplo para outros Estados, um fato a lamentar: o assoreamento do rio que corta a periferia. Por onde passava um rio, apenas um fio de água, como se a natureza, em suas últimas lágrimas, lamentasse a sua própria destruição. Da ponte, ela própria abandonada, nota-se distante, ereto e solitário, um pé de barriguda. Só ficou ele entre os capinzais. As crianças que buscavam o aconchego de sua sombra foram-se com o rio...

Durante a noite, um vento acolhedor. E haja história de Paracatu. Píadas sobre conhecidos, sobre o vaqueiro que emprenhou a filha do patrão, etc..., etc... Bom mesmo em Paracatu é ficar bebendo, até altas da madrugada, as antárticas magistralmente geladas de Ranulfo. Assim, de passagem, Paracatu é uma cidade onde voltar é sempre ir, se indo na vida, ao lado do tempo.

Até mais, D. Maria...

Nelson Pantoja, jornalista